

O INUMERÁVEL CORAÇÃO DAS MARGENS

Fábio Lucas*

RESUMO

O presente estudo investiga o símbolo do rio e das margens nos textos “A terceira margem do rio”, de Guimarães Rosa e “Judas/Asve-ro”, de Euclides da Cunha. Revela tanto o lado intimista e metafísico do primeiro, quanto o aspecto conflituoso e social do segundo. Aponta afinidades estilísticas entre os dois grandes artistas da prosa brasileira e seu relacionamento com os estratagemas retóricos da literatura universal.

A ficção, como produto acabado da modernidade, epopéia da classe burguesa no dizer de Hegel, se cristalizou a poder de muitas convenções. Uma das mais persistentes tende a glorificar as andanças do *homo viator*, pois essa noção, segundo Gabriel Marcel, visa a introduzir nos assuntos humanos um elemento de desordem, um princípio de desmesura e de des-harmonia (Marcel, 1944, p. 6). A idéia de viagem traz em si determinações que pertencem tanto ao tempo quanto ao espaço e, sob esse aspecto, “ser é ser em rota” (op. cit., p. 8). Tal é o espírito daquela obra que é apontada como a mãe de todas as ficções modernas, **D. Quijote de la Mancha**. Nas priscas eras da literatura ocidental, quando, ainda, a prosa não havia se desgarrado da poesia, imperaram as histórias de Homero. O que inspirou ao surrealista Raymond Quenau a síntese audaciosa: toda narrativa ou é uma **Ilíada** ou uma **Odisséia**. Ao que alguém, trocando em miúdos a culta fala, arrematou: toda narrativa é o relato de uma saída, ou o de uma chegada.

Guimarães Rosa, ao mesmo tempo criador e estuário de muitas culturas, deixou nas suas inumeráveis estórias, as pegadas do homem em curso, do andarilho, conforme o despacho de sua personagem: “só estava entretido na idéia dos lugares de saída e de chegada.” E, como colorário, divulga: “Assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda e num ponto muito mais em baixo, bem diverso do que em primeiro se pensou”. É o que se colhe em **Grande sertão: veredas**.

* Presidente da União Brasileira de Escritores.

Um dia, Guimarães Rosa glosou um paradoxo poético: a terceira margem do rio... Uma proposta metafísica, a sexta entre as **Primeiras estórias**, aquela prodigiosa invenção do pai que, de caso pensado, se instala num barco, se insula, e vagueia sobre as águas, sem tempo nem rumo, para cumprir uma sina, atado apenas à humana condição pela lealdade e dedicação do filho. Teria mãe ou avó, ou mesmo parente afim, aquela estória? Aquele estudo de rio, margem, destino e destempero?

Diz-se, da literatura, que os textos todos, bons ou maus, são filhos de outros textos que no passado se escondem. Escrever, então, seria ressuscitar textos adormecidos, a faina criadora consistindo em dar forma atual ao que jaz no inconsciente?

De “margens” a consciência coletiva brasileira está pojada. Basta, por exemplo, içar o primeiro verso do hino nacional, tópico do aprendizado das primeiras letras: margens plácidas.

E Euclides da Cunha, sempre genial no emprego da palavra escrita, recolheu em **À margem da história** parcela de episódios vivenciados no Amazonas, dando ficção à História, ou simplesmente calcando as reminiscências de leituras no chão diegético. À margem da História... Realismo literário ou História fantasiada, como denominar aquela literatura baseada nos fatos?

“À margem” pressupõe um leito e um curso de rio ... histórico. A metáfora se colhe no primeiro braço da correnteza. O gesto metonímico conduz-nos à margem inexistente, ideal, imaginada e consagrada no ímpeto da metamorfose.

Um descompromisso com a História, leito principal? Estorização da História? Ou a simples libido do texto, encaminhando o histórico para o recanto das estórias?

O Amazonas é, antes de tudo, paisagem. Como tal, insuperável, transbordante de todas as definições. Amplo espaço. E ali, no meio, o rio, tempo travestido. Cai-se novamente no campo eletrizante das metáforas/metonímias: o transbordamento das definições, vício da antropomorfização da linguagem.

Aqui vem, do leito do Amazonas, estoriado por Euclides da Cunha, o vulto de um relato singular, avoengo de “A terceira margem do rio”: “Judas/Asvero”!

O artista sem margens, Euclides da Cunha, juntou no título duas personagens trágicas da tradição cristã-judáica. Símbolo da máxima individualidade e solidão do homem. Ao primeiro, se lhe entregou o papel de trair o Deus-homem. Ao segundo, a sina de vagar sem pátria, sem margem, andarilho de destino incerto e não sabido.

Leia-se “Judas/Asvero” e se pense em Guimarães Rosa. Lá, também, está o criador sem fronteira, a expressão ímpar para a percepção aguda da tragédia humana. A crispação do gesto crítico, o inconformismo com a mesmice repetitiva. Tem “margem”, mas a “terceira”. E tem “História”, transsubstantivada em “estória”, substantivo comum.

Escrever no estilo de Guimarães Rosa tornou-se tarefa apetecível. Dois dos melhores escritores da comunidade dos países de língua portuguesa, um, o poeta brasileiro Manuel de Barros, e o outro, prosador moçambicano, Mía Couto, deixam

à mostra o parentesco verbal. Certa vez, 1975, na University of Wisconsin, Madison, tomamos os dois melhores estudantes e apresentamos-lhes dois contos brasileiros, bem típicos: “Desempenho”, de Rubem Fonseca e “O famigerado”, de Guimarães Rosa (**Primeiras estórias**). E solicitamos a uma, Shelley C. Slotin: escreva “Desempenho” no estilo de Guimarães Rosa. E ao outro, Alexandre Caskey, demandamos redigisse “Famigerado” no jargão de Rubem Fonseca. O desempenho de ambos foi acima do esperado. Serviram-nos, os textos, para extrair fundamentos sobre a intertextualidade. E os divulgamos na revista belo-horizontina **Inéditos**. (n. 4, nov./dez., 1976)

É mais fácil, vê-se, lidar com autores de timbre exclusivo. Antigamente, preocupava-se muito com o “estilo” do escritor. Dizia-se, por exemplo: Otávio de Faria é bom, mas não tem estilo. E Joaquim Nabuco se celebrou por apelidar de “cipó” o estilo de Euclides da Cunha. Em 1922, o ensaísta inglês J. Middleton Murry escreveu **The problem of style**, tema da época. Hoje, o jornalismo procura o texto neutro, sem estilo, massificador. O que entra na “mídia” tem que ser incolor, impessoal e insípido.

Euclides e Rosa, que marcas coruscantes de estilo! Quem ler “Judas/Asvero”, sem muito esforço poderá vislumbrar o inconfundível vôo de Guimarães Rosa sobre a floresta amazônica. E ao tresler, de volta, “A terceira margem do rio”, sentirá, rente, as imagens rústicas de vários judas descendo o rio, sob a saraivada de tiros, pedras e imprecações dos seringueiros infelizes, ressentidos, a cumprir na vingança virtual seu protesto contra a miserável condição humana. O sábado em que se imola o Judas presta-se “à divinização da vingança”, conforme preceitua Euclides da Cunha.

Do hino brasileiro colhem-se “margens plácidas” ao primeiro verso. Das margens de “Judas/Asvero” explodem gritos, farpas e maldições. Os sertanejos, enganados pelos traficantes e pela vasqueira vida, desforram-se do Judas no protesto imemorial, alvo de todas as frustrações. Bertold Brecht, em poema, conduziu a idéia de que falamos mal dos rios que ultrapassam seu leito, sem nos preocupar com as margens que o oprimem. Na tradução de Arnaldo Saraiva, temos “Da violência”: “Do rio que tudo arrasta se diz que é violento./Mas ninguém diz violentas/As margens que o comprimem”. (Brecht, 1973, p. 71)

O rio, no conto de Guimarães Rosa, tem a figuração de “Largo, de não se poder ver a forma da outra beira.” Segundo Euclides da Cunha, em “Os caucheros”, o rio se traduz por “caminho que marcha”.

Se formos buscar o símbolo do rio nos primórdios da cultura ocidental, lá estará perene no excerto de Heráclito, para nos dizer que o rio não pode, pelo ser humano, ser atravessado duas vezes. Tempo inexorável. Glosou-se Jorge Luís Borges na sua “Arte Poética”: “Mirar el río hecho de tiempo y agua/Y recordar que el tiempo es otro río.”

Além do Tempo considerado abstrato, como, por exemplo, o número do movimento em Aristóteles, temos a medida do tempo, rumo da finitude humana as-

sim delineado na “Terceira margem do rio”: “os tempos mudavam no devagar de-pressa dos tempos.” Sensações, emoções misturadas à passagem do tempo. Bergson lidou com o tempo interior, duração, transposto de modo imortal por Marcel Proust ao *À la recherche du temps perdu*. Novas categorias se agregam, como “as intermitências do coração” e a memória involuntária.

Em Euclides da Cunha, consoante vimos, o rio se lhe afigurou como “caminho que anda”. No “Judas/Asvero”, o judas produzido pelo sertanejo é descrito com minúcia. Sua feitura tem arte de escultor e leve traço de ironia. A encenação efetivada pelo escritor leva-o a um crescendo emocional, até que o acabamento da obra gera nova representação, subjetiva e particular na sua auto-referência. O *cogito* cartesiano invade o cenário, e o sertanejo, mais do que ritualizar o Judas, ou vingar-se de acumulados agravos, retrata-se:

*Repentinamente o bronco estatuário tem um gesto mais comovedor do que o **parla!** ansiosíssimo, de Miguel Ângelo; arranca o seu próprio sombreiro; atira-o à cabeça de Judas; e os filhinhos todos recuam, num grito, vendo retratar-se na figura desengonçada e sinistra do seu próprio pai.*

É um doloroso triunfo. O sertanejo esculpiu o maldito à sua imagem. Vinga-se de si mesmo: pune-se, afinal, da ambição maldita que o levou àquela terra.

Pouco depois desse trecho, Euclides da Cunha recorre ao rio, para descrever a viagem prevista para o Judas. Como sempre acontece ao escritor, o discurso avaliativo vem junto da construção do episódio. Nisso se distancia do procedimento narrativo de Guimarães Rosa, que articula sintagmas, apotegmas, pequenos ditos ou enredos emanados da sabedoria dos povos, dos mitos seculares ou das leituras filosóficas e religiosas. Liga os dois autores o valor permanente do orfismo, a solução literária. Diz do sertanejo o autor de *À margem da história*, narrando o destino da personagem aqui, sim, confluyente com o “pai” de “A terceira margem do rio”:

*A imagem material de sua desdita não deve permanecer inútil num exíguo terreno da barraca, afogada na espessura impenetrável que furta o quadro de suas mágoas, perpetuamente anônima, aos próprios olhos de Deus. **O rio que lhe passa à porta é uma estrada para toda a terra.** Que a terra toda contemple o seu infortúnio, o seu exaspero cruciante, a sua desvalia, o seu aniquilamento iníquo, exteriorizados golpeantemente, e propalados por um estranho e mudo pregoeiro...*

Embaixo, adrede construída, desde a véspera, vê-se uma jangada de quatro paus boiantes, rijamente travejados. Aguarda o viajante macabro. Condu-lo prestes, para lá, arrastando-o em descida, pelo viés dos barrancos avergoados de enxurros. (grifo acrescentado).

Aí estão o rio, o barco e o estranho figurante. A parceria com a situação gestada por Guimarães Rosa é evidente. A continuação do episódio matiza-se de por menores simbólicos, ora ideológicos, ora ontológicos, ora, enfim, retóricos, de pura excitação verbal, produtora de articulações narrativas:

E Judas feito Asvero vai avançando vagarosamente para o meio do rio. Então os vizinhos mais próximos, que se adensam, curiosos no alto das barrancas, intervêm ruidosamente, saudando com repetidas descargas de rifles, aquele bota-fora. As balas chofrem a superfície líquida, erriçando-a; cravam-se na embarcação, lascando-a; atingem o tripulante espantoso; trespassam-no. Ele vacila um momento no seu pedestal flutuante, fustigado a tiros, indeciso, como a esmar um rumo, durante alguns minutos, até reavivar no sentido geral da correnteza. E a figura desgraciosa, trágica, arrepiadoramente burlesca, com os seus gestos desmanchados, de demônio e truão, desafiando maldições e risadas, lá se vai na lúgubre viagem sem destino e sem fim, a descer, a descer sempre, desequilibradamente, aos rodopios, tonteando em todas as voltas, à mercê das correntezas, “de bubuia” sobre as grandes águas.

O final é um empolgante ajuntamento de judas inúmeros, arrebatados num grande círculo, revoltos numa “espiral amplíssima de um redemoinho imperceptível e traiçoeiro”. E, após, seguindo o rumo da correnteza, alinham-se em fila e descem indefinidamente rio abaixo.

De volta à “A terceira margem do rio”, o narrador, ao aprofundar a estúrdia decisão do pai, de vogar pela vida toda pelo rio, diagnostica a sua perturbação mental, ampliando-a ao mundo inteiro: “Ninguém é doido. Ou, então, todos.”

O drama é pessoal. O mesmo estigma que apanhou o pai e o afastou da convivência dos outros, começa a atacar o filho. O drama das heranças abissais se recompõe. Justamente aquilo que foi ponto de honra da novela naturalista, a descrever o repasse das taras nas tramas da reprodução da espécie. A terceira margem do rio é uma dimensão pessoal. A correnteza que arrasta o Judas, com sua força inexorável e fatalista, é um drama de gente, tem espessura pública, que envolve a história humana. O primeiro texto é metafísico e cuida do ser, perscrutantemente. O segundo envolve o povo, abrange a existência e desenvolve fundamentos históricos. Na corrente do tempo, o destino de ambos os figurantes não tem fim, é puro mistério. Não cabe aqui nem a esperança cega de Prometeu, nem a esperança em si de Gabriel Marcel, diferente da ambição. Puro mistério.

Em ambos, Guimarães Rosa e Euclides da Cunha, o que solicita existência e é duradouro está à margem. O que move e flui está no rio: silencia e desaparece.

Que Guimarães Rosa seja um dos gênios da criação literária brasileira não há dúvida. O que cumpre iluminar é a possível coloração de seu estilo inigualável com os entretons de outros escritos de forte determinação estilística e de originalidades discursivas. Tanto que, a alguns deles, Guimarães Rosa conferiu especial atenção. Quando se publicou **Corpo de baile**, tivemos oportunidade de apontar discretos sinais da analogia entre determinados giros fraseológicos encontrados naquela obra e outros tantos provindos de **O Malhadinhas**, de Aquilino Ribeiro. Na época, o assunto virou polêmica. Agora, sem propósito de explorar improvável filiação, desejamos evocar vagos resíduos de leituras de Euclides da Cunha na obra sempre admirável de Guimarães Rosa.

ABSTRACT

The present essay analyses the symbolic apprehension of the river and its banks in the texture of "A terceira margem do rio" by Guimarães Rosa and "Judas/Asvero" by Euclides da Cunha. The essay reveals the first work innermost and ontological aspects as well as the clashing and social appearance of the second. The essay also deals with close stylistic similarity between both great Brazilians authors and their relationship with universal rhetoric devices of literature.

Referências bibliográficas

BRECHT, Bertold. **Poemas**. Trad. Arnaldo Saraiva. Lisboa: Editorial Presença, 1973.

MARCEL, Gabriel. **Homo viator: prolégomènes a une métaphysique de l'espérance**. Paris: Éditions Montaigne, 1944.